

Relatórios do Pisa e do Banco Mundial, a baixa qualidade da educação e as deficiências na formação de professores

Fábio José Garcia dos Reis

Dezembro de 2010

No mês de dezembro, recebemos diagnósticos e projeções sobre a educação no Brasil. A OECD divulgou o resultado do Pisa, o Banco Mundial publicou o relatório “Achieving world class education in Brazil: the next agenda” e o Ministério da Educação divulgou as metas para o Plano Nacional de Educação 2011-2020, que agora precisa ser aprovado pelo legislativo.

A questão central dos documentos é a baixa qualidade da educação no Brasil. No caso do Pisa, divulgado no dia 07 de dezembro, há pequenos avanços, mas nada para se comemorar. O “The Economist” fez uma reportagem sobre o exame da OECD e o resultado do Brasil. O título é “No longer bottom of the class”. O artigo reforça a tese da baixa capacidade dos nossos estudantes na leitura, na interpretação e no raciocínio lógico e da baixa qualidade dos nossos professores, além de apontar problemas como a falta de estímulo para a carreira docente e a má utilização dos recursos financeiros.

A imprensa brasileira também repercutiu o nosso resultado pífio no Pisa. Todos reconhecem que o Brasil está muito atrasado no que se refere à qualidade da educação. Com o resultado, fica claro que seremos pouco competitivos nos próximos anos. Estamos formando uma geração que tem dificuldade de ler, escrever e de se expressar. Com esses resultados, como vamos participar ativamente das redes globais de conhecimento?

Na mesma edição, a revista elogia o Chile, através do texto “Blackboard battle”. O Chile vai em direção contrária: melhoria contínua na formação de professores e nos processos de ensino aprendizagem. O país está em primeiro lugar na América Latina. Vejam os resultados comparativos da pontuação:

Resultado Pisa 2009			
	Leitura	Matemática	Ciências
Média OCDE	493	496	501
Brasil	412	386	405
Chile	449	421	447

No blog de José Joaquín Brunner www.brunner.cl é possível analisar a repercussão da mídia, dos intelectuais e do governo chileno. No Chile, não há celebrações pelo fato do país estar em primeiro na América Latina. Há a percepção de que o país tem avançado, mas que o objetivo é atingir a média de pontuação da OECD. A imprensa defende a priorização de reformas que melhorem o aprendizado dos estudantes e a qualidade dos professores.

A OECD aponta caminhos para a melhoria dos resultados: professores qualificados, investimento com qualidade na educação, participação da família no estímulo ao estudo, resiliência do estudante, estímulo à leitura, escolas com bons ambientes, estímulo à autonomia do aprendizado do estudante e salas adequadas para o aprendizado. Salas superlotadas são consideradas prejudiciais ao aprendizado.

No caso do relatório do Banco Mundial, divulgado no dia 13 de dezembro, o texto aponta problemas semelhantes: qualidade dos professores, baixa qualidade da educação infantil e média, baixa eficiência dos gastos públicos. Segundo o relatório, o Brasil gasta mais que o Chile, México e Índia na educação, mas apresenta resultados pífios.

O Banco Mundial indica que o Brasil precisa combater o alto grau de corrupção no uso das verbas para a educação, a má administração das verbas e atrair pessoas mais qualificadas para o exercício da docência, além de pagar melhores salários.

Há semelhanças significativas entre as diretrizes do relatório e as da OCDE: qualidade da educação e dos professores e eficiência dos gastos públicos são temas tratados pelos relatórios.

No dia 14 de dezembro, o Ministro Fernando Haddad entregou o projeto do Plano Nacional de Educação 2011 – 2020. São 20 metas e há uma atenção especial para a formação e valorização dos professores. Há metas que indicam o aumento dos investimentos na educação e a implementação de plano de carreira para os docentes. A preocupação em melhorar a qualidade da educação é manifestada através da preparação de docentes e de novos investimentos.

Os relatórios da OECD e do Banco Mundial indicam que não é a quantidade de recursos que resolve problemas crônicos da educação. A qualidade do uso dos recursos é a questão central. Os países que obtiveram

sucesso no resultado da OECD, como a Coréia do Sul, que superou os resultados dos países europeus e dos Estados Unidos, o Chile, primeiro lugar na América Latina e mesmo Shangai (China), que obteve as melhores pontuações, e Hong Kong, que participaram como parceiros associados da OECD, possuem projetos de longo prazo e bem elaborados com o objetivo de melhorar a qualidade da educação.

São países e cidades que há anos se dedicam a qualidade da formação dos docentes. O Brasil tem facilidades de elaborar Planos, mas tem dificuldades em acompanhar a implementação das metas. Somos bons no discurso. Elaboramos bons planos, às vezes, demasiadamente densos, mas somos pouco eficientes na arte de implementar. O atual Plano Nacional de Educação foi celebrado, discutido e quais são os resultados efetivos?

O governo quer melhorar a formação dos professores, mas dialoga muito pouco com o setor privado. Amplia a formação dos professores, mas em cursos a distância de qualidade muito duvidosa. O governo celebra o aumento do número de universidades públicas federais, mas o aumento acontece através de instituições que apresentam deficiência em infraestrutura e falta de professores.

Temos também que discutir a qualidade da formação dos professores nas IES privadas. Geralmente há pouco investimento nos cursos de licenciatura. Há casos em que a manutenção desses cursos é considerada uma “atitude de responsabilidade social”. Os gestores de IES precisam assumir o compromisso com a licenciatura ou deixarem de fazerem discursos pomposos.

Iniciamos o ano com algumas boas notícias sobre planos de melhoria na educação. O governo do Estado do Rio de Janeiro anunciou no dia 07 de janeiro um “choque na educação”, que pretende melhorar o salário e a formação do professor, pagar bônus, estabelecer um plano de metas, rigor na escolha dos gestores e revisão das licenças dos professores, com o objetivo de economizar recursos e suprir a necessidade de professores em sala de aula.

O governo do Estado de São Paulo também está se movimentando ao colocar em discussão a progressão continuada e indicar que pode aumentar o investimento na qualificação dos professores e melhorar os salários. O desafio é que o próprio governo de São Paulo reconhece que tem dificuldades de

preencher todas as vagas disponíveis para docentes. Há professores que estão desistindo de seguir a carreira.

Gustavo Loschpe escreveu dois artigos na “Revista Veja” em novembro de 2010, intitulados: “Como melhorar a educação brasileira”. Para Loschpe, há três ações que não podemos abdicar: “práticas de sala de aula, formação dos professores e administração escolar”. É recomendável que os gestores públicos e privados leiam os artigos, já que estamos em um momento de discussão de planos, prometemos “choque na educação” e revisão de ações pouco efetivas. Os “novos governantes” podem aproveitar as boas ideias.

Esperamos que o novo Plano Nacional de Educação seja amplamente discutido antes de ser aprovado, pois a proposta do MEC é bem vinda, no que se refere a preocupação com a melhoria da educação.

Precisamos ser mais participativos e conhecer e discutir os relatórios que tratam da educação no Brasil. Estamos em uma encruzilhada, pois a continuidade dos baixos indicadores de qualidade pode levar-nos a uma situação em que o Brasil encontrará dificuldades para consolidar a cidadania plena. Nos próximos anos poderemos tornar-nos um país secundário na produção de conhecimento.

Concordamos com Daniel Bergamasco, que no dia 09 de janeiro escreveu na “Folha de São Paulo” sobre a baixa qualidade da educação do Brasil: “ninguém vai defender uma nação de neuróticos, mas o caminho suave que trilhamos também tem algo de suicida”.